

## Tempo – o fio e a trama

Carlos Pinto Corrêa \*

Também eu gostaria de ser atemporal, como o inconsciente, mas vejo-me cada vez mais submisso ao tempo. Muitos psicanalistas pensam que o tão almejado tornar-se sujeito seja a conquista de um *status* definitivo, eterno enquanto dura, mas é necessário tornar-se sujeito a cada instante em transformação que nunca termina. Esta é uma forma de dizer que o término da análise nos remete a uma inequívoca vulnerabilidade.

No momento, estamos diante da desconcertante comemoração dos 40 anos do Círculo Psicanalítico da Bahia, em princípio, uma simples data que denuncia a todos nós a eventual obra feita e vida.

O que são 40 anos para a vida intelectual? Saramago nos contou que escrevia uma página por dia. Ao não escritor parece pouco, mas, no irresistível balanço, teríamos um livro de 350 páginas em um ano e 40 livros em igual período. De minha parte, venho escrevendo "O Caminho de Sarah" há um ano e meio. Pensei que estaria terminado para a jornada, mas exigirá ainda mais um ano de trabalho. A grande surpresa virá cinco dias após o lançamento, quando algum leitor gentil me disser: gostei muito, peguei no sábado e

domingo e o li todinho. Mesmo li-sonjeado, pensarei que será como um voraz incêndio de fim de semana, capaz de devorar meu trabalho de dois anos. O mesmo tempo que permite a acumulação criteriosa das letras, como grãos que se acomodam sob a árvore dadivosa, desfaz o feito retornando ao nada.

Nas bodas de prata do Círculo, fizemos uma mesa histórica, com Eny, Rodrigué, Urânia e Mário Almeida. Peregrinamos em nossas lembranças e choramos quando nos abraçamos no final do encontro. Hoje, não podemos repetir a cena, já que Mário e Rodrigué nos deixaram. Devemos agora simplesmente acrescentar mais 15 anos. 40 não é muito mais do que 25. Talvez quando dobrarmos os 25, inteirando meio século, ainda que não possamos chorar, haverá quem o faça por nós, com muita alegria.

Mas, passemos ao tempo abstrato ou filosófico que maltrata menos. Em nossas andanças temáticas de preparação para a jornada, desfilaram em abundância os textos sobre Tempo e Psicanálise, ou, como queriam outros, Tempo da Psicanálise. A marca fundamental foi o ponto de vista histórico, "fio que evoca o tempo e põe em relevo a substân-

\* Psicanalista. Sócio fundador do Círculo Psicanalítico da Bahia. Em 22 de outubro de 2011, comemorando o quadragésimo aniversário do Círculo Psicanalítico da Bahia, no encerramento da XXIII Jornada.

cia intangível com cuja ajuda, a história é tecida e construída: o fio do tempo".

O fio do tempo ou, como preferimos modernamente, a linha do tempo, refere-se sempre ao presente, que, tão rápido, não nos basta e exige de nós o socorro nas alegações infinitas do passado ou nas fantasias inesgotáveis do futuro. Fatos, pessoas, circunstâncias, fotos e músicas podem ser dispostos em uma representação inequívoca de segmentos de nossas vidas. Comumente o que alinha todas estas peças dispostas em perigosa horizontalidade é o afeto. Afetos de todos os tipos que soldam, prendem, florescem ou incendeiam as relações entre esses componentes ajuntados para entender a vida.

Hoje, gostaria de escapar dos perigos deste fio que comumente tomamos para representar o tempo e designar a história como artifice, e trocar o fio pela trama. A trama do tempo, qual um deus; as moiras; a fortuna; a providência divina; o homem. Pensar que é o próprio tempo quem tece a história, ata os homens e os acontecimentos com seus liames invisíveis, assim como a aranha que tece a teia com a matéria que a ela se agrega e nela enreda suas vítimas.

Tentativas de historiar as instituições psicanalíticas pela submissão ao fio dos acontecimentos têm sido feitas sem sucesso. As instituições são fragmentárias pela inconstância ou volatilidade de sua estrutura. A sociedade analítica é formada por um sistema de adesão provisória, sempre visando o exercício do "ócio com dignidade", prazer maior para o inte-

lectual. Seus membros estabelecem vinculações subjetivas, de aproximação e afastamento ou recusa definitiva, nem sempre explicada. Não sendo contratuais, estas relações são libidinalmente ligadas pela necessidade de pertencimento ou de início, de proteção. São funcionais e utilitárias, por isso mesmo não fazem história, para a maioria dos participantes. Durante os seus 40 anos de existência, quem ingressou fez formação, ainda que inacabada, participou de seminários, leu, escreveu, foi membro-sócio e depois se desligou, na maioria das vezes sem alguma explicação mais consistente. E onde estão neste momento? Permanecem psicanalistas? Pelo menos continuam vivos ou já desertaram deste vale de lágrimas?

A impossibilidade da resposta nos mostra o processo de fragmentação grupal, existências que não se unem e não constituem um fio histórico, mas que podem ser pensadas como células ou nós da trama.

Quem me ouve, não concordando comigo, pensa que, em meu raciocínio sobre a instituição, estou fugindo da verdadeira história, ou até escapando de uma evidência. Posso lembrar que do grego, em sua forma nominal, história significa indagação, informação, designando um tipo de conhecimento. Na pesquisa ou na narração retórica, aparece subsidiariamente a questão da verdade. Na busca dos fatos, encontrar relatos que sejam imunes ao mito. Na história, a verdade é da ordem da razão. O tempo desvelando as coisas traz a luz, segundo Tales. A verdade é filha do tempo, disse Bacon. Marx e

Heidegger lembram que a verdade é filha do tempo e obra do homem. À dimensão propriamente histórica, soma-se o devir, e à figura da historicidade, acrescenta-se a da temporalidade.

A matéria do nosso trabalho psicanalítico, sendo o inconsciente, é atemporal, e a verdade do nosso saber foi denunciada como não toda. Assim nos afastamos da possibilidade de, em nossa clínica, fazermos qualquer construção histórica e, como sabemos, a instituição imita a clínica.

Mas, mesmo sofrendo o esvaziamento do tempo e a perda da substância histórica, permanecemos na sombra da realidade móvel do processo que nos une no saber: o devir e o trabalho clínico. Sem o fio da história, nos resta a trama, pontos de encontro de nossas vidas em comum. Podemos então contar nossos casos com afeto e com alegria, pelo prazer de aprendermos juntos. Topicamente nos encontramos no que Sartre chamou de momentos existenciais. Um mosaico onde vejo os rostos conhecidos com quem tenho labutado. Retribuo os sorrisos e agradeço com meu coração jovem:

- Valeu, galera!

# NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Serão publicados apenas trabalhos de Psicanálise, de preferência inéditos, elaborados por associados do CBP, e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial.

2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português dos trabalhos enviados em outro idioma.

3. Poderão também ser publicados:

3.1 Reflexões sobre a Psicanálise, articulando-a com outras áreas do conhecimento.

3.2 Casos Clínicos.

3.3 Entrevistas.

3.4 Resenhas.

4. A estrutura dos trabalhos deverá estar de acordo com as normas da ABNT.

4.1 Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:

4.1.1 Título em Português e em Inglês.

4.1.2 Nome do autor, depois do título, e informações adicionais tais como: profissão, instituição a que pertence e créditos em nota de rodapé.

4.1.3 Resumo, redigido pelo autor, expressando o conteúdo, salientando os elementos novos e indicando sua importância. Deverá ser colocado antes do texto e não deve exceder a duzentas e cinquenta palavras.

4.1.4 Abstract ou Résumé. Deverá ser colocado após o texto.

4.1.5 Palavras-chave, correspondentes a palavras ou expressões que identifiquem o conteúdo, devendo ser em número necessário para a completa descrição do assunto e, quanto à localização, anteceder o resumo.

4.1.6 Key-words ou Mots-clés. Deverá preceder o Abstract ou Résumé.

4.1.7 Referências. Citadas como no exemplo a seguir.

4.1.8 Registrar as referências bibliográficas na seguinte ordem:

a) de livro:

Autor. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, Data. Número de págs ou volumes (Nome e número da série).

Exemplo:

CERVO, A. L. *Metodologia científica*: para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil 1978. 144 p. ( Pensar, Hoje, 6)

b) de capítulo de livro:

Autor do capítulo. Título do capítulo. In: Autor do livro (colocar \_\_\_\_ se o autor for o mesmo). *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, Data. Número de páginas ou volumes (Nome e número da série)

Exemplo:

LAMBOTE, M. C. O tempo anunciador. In: \_\_\_\_ *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2000. p. 103-109.

c) de publicações periódicas no todo:

Título da Publicação. Local (cidade) de publicação: Editor-autor, ano do primeiro volume. Periodicidade. ISSN

Exemplo:

REVERSO. Belo Horizonte: CPMG, 2005. Anual. ISSN: 0102-7395

d) de artigo de revista

Autor. Título do artigo. *Título do periódico em itálico*, Local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

Exemplo:

BERNARDES, W.S. Condenação, desmentido, divisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 115-122, set. 2004.

N.E. Favor notar que os detalhes de dois pontos, abreviaturas e

vírgulas, bem como qualquer outro assinalado, devem ser registrados nos originais como nos exemplos.

5. Os originais deverão ser datilografados em duas vias de boa qualidade, devidamente numeradas e rubricadas pelo autor, em espaço duplo, em uma só face, com laudas contendo de 25 a 30 linhas e com, no máximo, sessenta toques por linha, não excedendo, de preferência, a quinze laudas.

5.1 Os originais deverão ser encaminhados também em disquete, em programa compatível com a indicação da Comissão Editorial.

6. Os textos deverão passar por revisão a cargo do autor.

7. As tabelas, gráficos etc. deverão ser enviados em separado, numerados, com as respectivas legendas e indicação da localização desejável no texto, entre dois traços horizontais.

8. As citações deverão estar acompanhadas de sua fonte e com a(s) página(s) respectiva(s).

9. As notas de rodapé deverão ser numeradas consecutivamente no texto.

10. A Comissão Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas.

Os trabalhos deverão ser enviados para:

**CPB - Revista Cógito**

Av. Adhemar de Barros, 1156 s/101- Ondina 40170-110 - Salvador - Ba

Para receber anualmente a revista Cógito ou obter outras informações entre em contato com:

**CPB**

Av. Adhemar de Barros, 1156 s/101 Ondina  
40170-110 - Salvador/BA

Fone/Fax: (71)245-6015

[circulopsi.ba@veloxmail.com.br](mailto:circulopsi.ba@veloxmail.com.br)

[www.circulopsibahia.org.br](http://www.circulopsibahia.org.br)